



Imagem da divindade

Carta circular 27 • prot. n. 00493/06

“...transforme-se inteira... na imagem da divindade ...”

(3In 12-15)

“Quem caminha para Deus não se afasta dos seres humanos, antes, torna-se-lhes verdadeiramente vizinho”

(Bento XVI, *Deus caritas est*, 42)

Às Irmãs Clarissas Capuchinhas,

1.1 Nos dias 15 a 23 de maio de 2006 realizou-se o *Encontro Internacional das Presidentes das Federações das Clarissas Capuchinhas*, no Mosteiro Santa Verônica Giuliani, na Cidade do México. Com esta carta lhes envio a síntese das discussões e as resoluções deste Encontro. Esta ocasião me oferece a oportunidade de exprimir o apreço e a admiração pelo testemunho de oração, simplicidade e fraternidade que experimentei na fraternidade da Cidade do México e em tantos mosteiros visitados nos últimos 12 anos. Com vocês, desejo continuar idealmente o Encontro, refletindo sobre nosso comum carisma franciscano no mundo de hoje.

Viver como irmãos e irmãs

Uma Vida modelada na Trindade

2.1 Os escritos de São Francisco transbordam o Mistério da Trindade. A Regra não bulada (RnB) inicia “*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*” (RnB 1) e termina “*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...*” (RnB XXIV,5). Anunciando sua intenção de escrever a Carta a Todos os Fiéis, São Francisco afirma:

“... de referir a vocês as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Verbo do Pai e as palavras do Espírito Santo” (2Fi, 3).

Os seus escritos são louvores ao Mistério da Trindade.

“...amemos, honremos, adoremos, sirvamos, louvemos e bendigamos, glorifiquemos e superexaltemos, magnifiquemos e rendamos graças ao altíssimo e sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo, criador de todas as coisas e salvador de todos os que nele creem e esperam e o amam, a ele que é sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável, bendito, louvável, glorioso, superexaltado, sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos dos séculos” (RnB XXIII, 11).

2.2 São Francisco experimenta a Trindade como “Relação de Amor Inexprimível”, revelado a nós no Mistério da Encarnação.

“O altíssimo Pai anunciou... este seu Verbo... por meio do seu santo anjo Gabriel ao útero da santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade” (2Fi, 4).

Nós fazemos parte desta “Relação de Amor Inexprimível”.

“Como é glorioso, santo e sublime ter nos céus um Pai! Como é santo, consolador, belo e admirável ter um esposo! Como é santo e dileto, aprazível, humilde, pacífico, doce, amável e acima de tudo desejável ter tal irmão”

(2Fi, 54-56).

2.3 Francisco intuiu de modo incrível as palavras de Jesus “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim*” (Jo 14,6). Ele seguia Jesus não somente naquilo que Ele tinha feito, mas especialmente na relação que Jesus tinha com o Pai. Francisco compreendeu que Jesus tornou a nós todos filhos e filhas do Pai. Imitando a Sua relação com o Pai nós passamos a fazer parte daquela “Relação de Amor Inexprimível”. Clara teve a mesma intuição: “*Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo*” (2In, 20).

2.4 Francisco estabeleceu a sua Ordem como fraternidade inspirada na mesma clareza espiritual. O VII CPO afirma “a vida fraterna nos conduz à íntima relação com a Trindade” (VII CPO, 1b). Francisco escolheu a fraternidade, uma vida em relação como irmãos e irmãs pois Deus Trindade é por natureza relacional: “*Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou*” (Gn 1, 27). Não somos criados à imagem de um Deus solitário, isolado e autônomo, mas do Deus Trindade, pessoal, relacional, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Portanto, nós somos imagem de Deus somente quando vivemos em relação. A fraternidade foi a experiência fundamental da sua conversão: “*E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer... ..*” (Test 14). E a fraternidade se torna a sua missão.

“Francisco abraçou o plano de Deus para as suas criaturas como uma família de irmãs e de irmãos: irmão sol, irmã lua, etc. (cf. Cnt). Ele nunca se chamou simplesmente ‘Francisco’ mas sempre ‘Frei Francisco’. Ser ‘irmão’ revela o seu sentir-se relacionado com cada criatura a quem Deus o chamava e a sua missão de sanar as relações com dócil humildade” (VII CPO, 1 c).

De fato, Francisco usa 306 vezes o título “irmão”, mais que outro título, exceto “Senhor”, que usa 410 vezes.

2.5. Fraternidade é o dom para a Igreja, a sua resposta ao convite do Crucifixo “*Vai e repara a minha Igreja... ..*” O Concílio Vaticano II afirma que a Santíssima Trindade é a “fraternidade” que cria a Igreja “A Igreja universal se apresenta como um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”

(LG 4). Francisco purifica a Igreja, convidando todos a viver como irmãos e irmãs. E esta é também hoje a nossa missão. Cada mosteiro deve ser imagem de relações trinitárias, para se formar a Igreja.

Relações redimidas

Viver segundo a forma do Santo Evangelho

3.1. O VII CPO estabelece a ligação que Francisco intuiu entre “viver como irmãos e irmãs” e “viver segundo a forma do Santo Evangelho” (Test 14).

“O zelo pela observância da palavra de Jesus inspirou Francisco a considerar o Evangelho como o fundamento da vida fraterna (RnB I 1; Rb I 1). Fundados na fidelidade ao Evangelho, *a vida fraterna nos conduz à íntima relação com a Trindade*” (VII CPO, 1b)

“Viver segundo a forma do Santo Evangelho” purifica, redime as nossas relações, criando na terra relações configuradas à Santíssima Trindade, sem dominação, sem subordinação, ou seja, a unidade de amor. São Francisco nos dá esta indicação no final da Carta a todos os Fiéis, “*rogamos na caridade que é Deus (Cf. 1Jo 4,16), ...que vocês deverão acolher estas odoríficas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, com humildade e amor, operá-las no bem e observá-las com perfeição*” (1Fi II, 19).

3.2 Francisco descobria a substância do Evangelho na pobreza e humildade de Deus. Francisco exclamou: “*Tu és humildade*” (LD, 6). A humildade do Pai é o seu olhar o Filho. Francisco tinha uma compreensão muito especial deste mistério: “*este seu Verbo..... recebeu a carne da nossa humanidade*” (2 Fi, 4). Humildade não é uma qualidade de Deus, mas é a essência de Deus como Amor. São Boaventura nos diz que o mesmo abraço do Pai ao Filho é o abraço a toda a humanidade e a todo o criado. Na Encarnação “Deus, com profundo amor, se inclina para a nossa baixeza e assume o barro da nossa natureza na unidade da sua própria pessoa” (S. Boaventura, *Sermão II na Natividade do Senhor*, Opera Omnia, Ad Claras Aquas, MCMI, IX, p. 110). Deus se abaixa, com humildade, para abraçar todo o criado. Na visão franciscana, a encarnação advém não por causa do pecado mas devido ao amor superabundante e humilde de Deus.

3.3 A humildade abraça o outro. A humildade exprime a natureza relacional de Deus. A humildade exprime a natureza relacional da nossa humanidade. Tornar-se humilde significa gloriar-se pelo fato de que somos criados no amor, redimidos pelo amor, viventes por uma relação de amor com o Deus Trindade e com todas as criaturas, com as quais partilhamos a existência. Ser humilde significa amar como Deus.

3.4 É comum a todos os franciscanos viver em fraternidade segundo a forma do Santo Evangelho. Esta forma de vida nos torna presentes entre os homens e as mulheres para servi-los com humildade. No coração desta forma de vida está a contemplação do Senhor Jesus, que por amor à nossa humanidade veio a nós, fazendo a sua morada entre nós, para criar um novo modo de viver as nossas relações.

Pobreza e contemplação

4.1 “Olhe a pobreza daquele que, envolto em panos, foi posto no presépio! Admirável humildade, estupenda pobreza! O Rei dos anjos, o Senhor do céu e da terra repousa numa manjedoura” (4In 19-21).

Santa Clara intuía a ligação essencial entre a pobreza e a oração/contemplação. Clara, admirada pela ação de Deus que se faz pobre na humildade de uma estrebaria, e ainda mais na humildade do *Verbo que se fez carne*, convida suas irmãs, como ela enclausuradas no segredo de Deus por amor, simplesmente e na pureza, somente por amor, a escancarar os horizontes da própria oração. Assim escreve a Inês de Praga:

“Contemple o seu Esposo, mui nobre rainha, o mais belo entre os filhos dos homens, desprezado, ferido e tão flagelado em todo o corpo, morrendo no meio das angústias próprias da cruz.
Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo” (2In 20).

“Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo”. São palavras que exprimem a oração que não é simplesmente um elevar a Deus perguntas ou súplicas ou louvores, mas é observar com os próprios olhos de Deus pois

a oração contemplativa nos coloca no mesmo espaço de Deus e nos impulsiona a fazer como Deus fez! Contemplando Jesus, Francisco imitava a relação de Jesus com o Pai. Contemplando Jesus, Francisco imitava a humildade de relação de servo que Jesus tinha para com os seus irmãos e as suas irmãs. Contemplando-O no mistério da Cruz! O Humilde Amor se estende na cruz para abraçar-nos até atingir-nos na profundidade do nosso pecado, da nossa alienação e das nossas relações dilaceradas. A cruz é o sinal incontestável, plantado na história, indicando que nenhuma expressão da nossa humanidade nos separa ou nos aliena do Amor redentor de Deus.

Como podemos ver e contemplar como Deus? Como age Deus? Como (segundo Francisco e Clara) o Altíssimo, o Onipotente, o Glorioso, o Sumo e Santíssimo Deus, olha o homem e a criação? Simplesmente aproximando-se do homem na pobreza da Encarnação, na carne de Jesus Cristo. Deus entra no espaço do homem, do finito para que o Infinito seja acessível, visível e fruível. Onde o Amor não é fruto de uma recompensa ou mercadoria de troca, mas é dom gratuito:

“Se alguém oferecesse todas as riquezas de sua casa para comprar o amor, com total desprezo o tratariam” (Ct 8,7)

Como podemos ver e contemplar:

“Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se inteira, pela contemplação, na imagem da divindade ...

Ame totalmente Aquele que se entregou inteiro por seu amor”.
(3In 12-15).

4.3 Clara intui, seguindo Francisco, que aquilo que é necessário para ver o Amor na ação, para reconhecer o que Deus realiza a todos os homens, é viver na pobreza. **Deus se fez pobre!** Para entrar no espaço de Deus, para ver como Ele vê, significa entrar na pobreza assumida por Cristo que estupefaz e que conduz a novas relações, marcadas pelo único fim que é o bem do outro, sem interesse algum, a não ser aquele Bem.

“Somente o serviço ao próximo me faz ver aquilo que Deus faz para mim e como Ele me ama”, afirma

com razão o papa Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas est*. Somente rezar ou somente agir, tomados separadamente, não realizam o espaço de Deus, do Deus de Jesus Cristo. Somente na ação da oração compreendo o amor ao outro e na ação para o outro compreendo e aprofundo o Amor de Deus por mim.

4.4 Aparece a reciprocidade entre contemplação de Cristo e contemplação dos pobres no privilégio da pobreza que o papa Gregório IX concedeu a Clara e às suas irmãs, por escrito, no dia 17 de setembro de 1228. A Pobreza de Clara é *viver sem nada de próprio*. É uma afirmação que implica o dispor da própria vida na firme decisão de seguir Cristo, de imitá-lo na sua obediência e na sua pobreza, que se exprime nos Mistérios da Encarnação, Cruz e Eucaristia.

4.5 E o privilégio da pobreza mudou radicalmente a relação das Irmãs Clarissas com a gente que vivia ao redor delas. Como Francisco contemplava o Crucifixo no corpo sofrido do leproso, assim Clara e suas irmãs contemplavam a imagem do Cristo pobre e humilde, escrito na carne e na vida dos pobres que viviam ao redor de São Damião. Clara e as suas irmãs insistiram em pedir o **privilégio da pobreza**, de modo a excluir toda possível dominação de poder sobre os camponeses e os servos que faziam parte essencial da economia de qualquer outro mosteiro feminino do tempo.

E não só, Clara vai além. A sua radicalidade não permite meias medidas: a sobrevivência das Irmãs Clarissas devia depender dos pobres. Como? Se os frades que seguiam Francisco podiam esmolar de porta em porta, para Clara, fechada na sua voluntária clausura, esmolar não era possível. A sua situação era de dependência total da divina providência, que se exprimia concretamente numa dependência total dos pobres. Esta opção radical estava no coração daquela “luta espiritual” que Ela teve com o Cardeal Hugolino, depois papa Gregório IX.

4.6 Clara descobriu a pobreza de um Deus que não tinha nenhum poder, nem mesmo um lugar para nascer. Descobriu um Deus que morria fora da cidade, num lugar elevado, que permitia ver e ser visto e abraçar a todos num amor humilde que perdoa. Descobriu um Deus que tem somente o poder de amar e que transforma a modalidade de relação.

O dom das Clarissas à Ordem e ao mundo.

5.1 No Encontro na Cidade do México, falamos sobre a Carta Apostólica de João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*. O papa escreveu esta Carta na conclusão do Grande Jubileu do ano 2000. Através desta carta, o papa convocou toda a Igreja a refletir “sobre o que o Espírito disse ao Povo de Deus... desde o Concílio Vaticano II até o Grande Jubileu” e de oferecer “o contributo do (seu) ministério petrino, para que a Igreja resplandeça sempre mais na variedade dos seus dons” (NMI, 3). A novidade e o desafio para a Ordem está contida na expressão **espiritualidade de comunhão**.

“É preciso *promover uma espiritualidade de comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão... Espiritualidade de comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor” (NMI, 43).

Para o papa a “espiritualidade de comunhão” tem uma ligação essencial entre a identidade da Igreja como comunhão de amor e a missão da Igreja como sinal e instrumento de unidade da família humana.

5.2 A espiritualidade tradicional dos Capuchinhos das duas Ordens, primeira e segunda, é uma espiritualidade **ascética**, uma espiritualidade da perfeição pessoal. A austera simplicidade da nossa pobreza, o espírito de penitência, a meditação são essenciais àqueles que desejam configurar a própria vida com o Cristo Pobre e Humilde, mas João Paulo II nos orienta que isto não basta. A pobreza, a humildade e a oração contemplativa devem redimir e purificar as nossas relações humanas: “o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor” (NMI, 43). O VI e VII CPO, abrem os nossos olhos à capacidade da pobreza e da minoridade evangélica de transformar e redimir as relações entre nós, com a Igreja e com o mundo. É importante que a Segunda Ordem apresente o seu contributo único a esta espiritualidade franciscana da comunhão.

5.3 O mundo secularizado acredita que a própria tecnologia contenha tudo o que é

necessário para o progresso e a libertação da humanidade, proclama que a própria tecnologia, produto do gênio humano, contenha tudo para uma vida humana completa, que somos onipotentes, que não temos necessidade de Deus. Há um elemento de verdade na onipotência da tecnologia humana pois, obviamente, existem grandes capacidades, mas a tecnologia sucumbe diante da avareza e da prepotência do homem. A tecnologia, muitas vezes, é utilizada para o bem de poucos em detrimento de muitos. Ela pode multiplicar pão e peixe mas não pode tocar o coração do jovem que tornou possível o milagre oferecendo tudo o que possuía (cf. Jo 6,9). O nosso mundo secularizado é um mundo de alienação, isolamento e de relações esfaceladas.

Cada mosteiro das Clarissas é um anúncio ao mundo de que a pobreza e a contemplação transformam as relações:

“Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se íntera, pela contemplação, na imagem da divindade ...

Ame totalmente Aquele que se entregou inteiro por seu amor”.

(3In 12-15).

Um mosteiro assim é evento de cura e de paz.

5.4 O testemunho das Clarissas é de grande importância aos irmãos da Primeira Ordem. No VI e VII CPO descobrimos que a nossa pobreza e minoridade constroem a comunhão da Igreja e do mundo. Os escritos da irmã Clara apresentam um apelo: “*Olhe, considere, contemple com o desejo de imitá-lo*” (2In, 20). Quando “imitar” é destacado de “olhar, meditar e contemplar” cai-se no ativismo social. O VI CPO (prop. 17) trata deste assunto. O ativismo é mais que uma intensa dedicação ao trabalho. O ativismo nos obriga a viver de maneira superficial e frenética, tornando-nos incapazes de refletir e experimentar a profundidade da nossa própria humanidade. O VI e VII CPO perderão sua força em renovar as relações para construir a própria Igreja se não forem bem fundadas na “contemplação”. O compromisso das Clarissas é um contínuo desafio aos frades, indicando que não é possível imitar sem olhar, considerar e contemplar.

5.5 Citando mais uma vez o papa, também podemos afirmar com Santa Clara “*Quem caminha para Deus não se afasta dos seres humanos,*

antes, torna-se-lhes verdadeiramente vizinho” (Bento XVI, *Deus caritas est*, 42). A vitalidade espiritual de Santa Clara se estende além da clausura de São Damião, alcançando Praga e a vida de Inês e suas Irmãs, mas atinge também os pobres fora da porta de São Damião, envolvendo os pobres da Úmbria na mesma vida do mosteiro. A sua presença reclusa no espaço de Deus a circundou de homens e mulheres que reconheceram que a sua oração tinha um só poder, o poder do Amor, o único poder que gera Vida. Rezemos para que o encontro da Cidade do México provoque uma reflexão nos mosteiros e federações de vocês e para que o espírito da Santa Mãe Clara infunda vitalidade nova ao carisma, de modo a dilatar-se para o bem de toda a Igreja.

Seu irmão,

Fr. John Corriveau
Ministro Geral, OFMCap.

Roma, 11 de agosto de 2006

Festa de Santa Clara

PRIMEIRA REUNIÃO INTERNACIONAL DAS MADRES PRESIDENTES DAS FEDERAÇÕES DOS MOSTEIROS DAS MONJAS CAPUCHINHAS

Cidade do México, 15 a 23 de maio de 2006

Síntese dos trabalhos dos grupos

PRIMEIRO TEMA

“Como estamos vivendo a nossa missão de contemplativas no mundo?”

O nosso autêntico compromisso é transmitir o carisma das Clarissas Capuchinhas às gerações futuras e trabalhar para que o carisma continue vivendo nas nações onde nos encontramos.

A vida de trabalho na realidade europeia não é fácil. As irmãs jovens que entram devem ocupar-se da limpeza da casa, pois são muitas as irmãs idosas e, por esta razão, não há tempo suficiente para desenvolver um trabalho remunerado.

Além disso, dado que muitos mosteiros têm irmãs que são filhas únicas e com pais idosos e enfermos, pergunta-se como resolver estes problemas: levar os pais para viver no mosteiro? Que a irmã saia e cuide dos pais? Confiar o cuidado dos pais a uma congregação religiosa que os cuide? Construir uma casa onde se possa acolhê-los, com religiosas que se encarreguem de atendê-los?

SEGUNDO TEMA

“As estatísticas e o que elas significam?”

Através das estatísticas podemos ver a história da Ordem, história que pertence a Deus, pois ele é o Senhor da história. Todo tempo é tempo de graça, é hora de Deus.

Neste contexto dissemos que a falta de vocações (em alguns lugares do mundo) deve ser vista com espírito de fé e de confiança, sem perder a esperança, com serenidade e abandono, pois esta morte, no tempo oportuno, pode gerar vida nova.

Olhar as estatísticas e a diminuição das vocações em alguns países constitui um convite a uma vida mais autêntica. Mas isto não significa que o carisma está desaparecendo pois vemos florescer vocações na Ásia, na África e na América.

TERCEIRO TEMA

“As mudanças na abordagem espiritual nos últimos vinte anos”

Centramos a nossa atenção no que o Ministro Geral nos pedia sobre as nossas necessidades como Segunda Ordem, uma vez que estão se relacionam com o tema da espiritualidade.

A visão dos frades capuchinhos e sua missão concreta no México nos abriu horizontes para a inculturação da sua visão universal. Isto provocou uma resposta solidária em âmbito internacional (oferecendo ajuda de pessoal).

Pedimos ajuda à Primeira Ordem para criar uma comissão internacional que, com prévia preparação, estude alguns idiomas junto a outros aspectos; e isto constitua um meio no caminho da comunhão.

QUARTO TEMA

“A questão da autonomia dos mosteiros”

1. Segundo a sua experiência de Madre Presidente de uma Federação ou de representante de mosteiro, de qual momento histórico se alimenta o seu conceito pessoal e existencial da autonomia do seu mosteiro?

R: A maior parte situa-se no momento atual, todavia segundo usos que ainda devem ser elaborados para conseguir a coerência e a abertura entre a mentalidade pré-conciliar e a que atualmente propõe o Concílio Vaticano II.

2. De qual momento histórico se alimenta hoje o conceito e a experiência em geral dos mosteiros sob seus cuidados: concepção de Trento, concepção do Vaticano II?

R: Em alguns mosteiros da Europa vive-se a concepção do Vaticano II, mas existem alguns mosteiros que preferem a própria autonomia e não respondem às propostas da federação. Não

obstante existem noviciados federais e cursos, estes mosteiros não participam.

3. A autonomia, que é boa por si mesma, algumas vezes pode ser uma limitação no momento de se tomar algumas iniciativas que se são urgentes: o que vocês pensam disto? E qual é a experiência federal de vocês, a propósito?

R: Vemos que é certo. Existem muitas iniciativas que não podem ser realizadas porque as Abadessas não oferecem suas monjas mais preparadas para as diferentes atividades federais. Teremos que caminhar na autonomia solidária.

4. A autonomia é a única causa para que alguns mosteiros aceitem a ajuda da federação ou então não desejam federar-se?

R: Dever-se-ia conhecer melhor os fins da Federação. Alguns mosteiros recebem bem a Federação, outros não; porém é preciso ser respeitosa.

QUINTO TEMA

“Unidade na diversidade”

1. A experiência da comunhão internacional o que acrescenta ao nosso carisma na Igreja e no mundo?

R: • Ajuda-nos a refletir sobre o nosso carisma.

- Ajuda-nos a nos sustentar e nos ajudar mutuamente.
- Ajuda-nos a definir a nossa missão na Igreja e no mundo.
- As Clarissas têm necessidade de uma experiência mais vasta da universalidade do seu carisma. Como podemos ajudá-las a criar isto?

A visão universal do carisma é o filão através do qual a Igreja nos pede para caminhar. Devemos fazê-lo em vista de uma maior comunhão. Esta experiência que agora estamos vivendo é uma graça para todas. Terá os seus frutos e estamos certas de que no futuro eles serão ainda maiores. O nosso carisma nos convida a buscar o essencial, aquilo que nos une e nos

centra e, ao mesmo tempo, nos diversifica de acordo com certas diferenças culturais.

Acrescenta um sentido de família e de fraternidade. Abre-nos para descobrir novas realidades.

A formação permanente abriu os horizontes para ver que a vida capuchinha pode ser vivida de maneiras diversas e que podem ser válidas diferentes variantes na formação.

Mais adiante, desejamos realizar o segundo encontro internacional das Madres Presidentes das Federações na Europa.

Convidamos o Ministro Geral a escrever uma carta para que as irmãs continuem desenvolvendo estes pontos, os enviem às comunidades e coloquem estas mesmas questões. Também seria muito bom que escrevesse uma carta aos frades capuchinhos para sensibilizá-los em ajudar as irmãs na sua forma de vida.

2. Como preparam as suas formadoras? Que assistência necessitam?

R: Na Espanha elas participam do projeto interfederal, têm uma formadora federal. No México existem cursos, mas seria necessário reforçar os programas de estudo para que a formação não seja somente teórica e se faça maior acompanhamento com temas práticos.

Na África do Sul as irmãs aproveitam os cursos para formadores. O Ministro Geral enviou um frade da Eritreia para dar-lhes um curso de duas semanas, uma vez que as irmãs daquele país são poucas e os mosteiros são muito distantes.

3. Como podemos criar solidariedade entre as irmãs?

R: Que os frades capuchinhos mantenham para nós os frades Assistentes na tarefa de animadores das Federações e das comunidades. Que o Assistente Geral da Ordem continue sendo um Definidor Geral para tornar possível uma relação maior entre os frades e as monjas.

4. Quais necessidades percebem no comportamento de pessoal entre as diversas regiões da Ordem? O carisma clariano tem um a

dimensão missionária? Como preparam aquelas que vão a outras regiões e como se preparam as regiões ou lugares de missão para recebê-las?

R: As irmãs mexicanas que foram a Roma (Garbatella), uns meses antes de sair viveram juntas, aprenderam a língua italiana e seus costumes. Sabemos que a Madre Presidente da Itália as visitou várias vezes para ver como se sentem e afirma que a inserção tem sido boa.

5. A Cúria Geral pode assistir a Segunda Ordem através do Departamento de Estatística?

R: Solicitamos ao Ministro Geral que nos ajude a relevar as estatísticas tanto das irmãs como dos mosteiros.

SEXTO TEMA

“Solidariedade (econômica e de pessoal)”

1. Não se poderia pensar em ter um capítulo ou assembléia geral cada seis anos?

R: Estamos de acordo com um encontro geral para revisar nossas Constituições. Não podemos falar de capítulo ou assembléia porque não existe uma organização jurídica em âmbito geral. Poder-se-ia fazer uma reunião como a que estamos fazendo, sendo possível cada dois ou três anos. Também seria muito aconselhável haver um encontro dentro de um continente entre as Presidentes de Federações e/ou Abadessas dos mosteiros não federados como preparação deste encontro internacional.

2. Criar noviciados e junioratos comuns, com equipes de irmãs formadoras?

R: Em muitas Federações já existem.

3. Apoiar os centros de formação e casas de formação com formadoras competentes?

R: Sim, é muito necessário e indispensável ter irmãs bem formadas para prestar este serviço.

4. Formar irmãs que possam coordenar retiros, oficinas de oração, animação de grupos bíblicos,

dirigir grupos de oração e adoração com leigos, direção espiritual e orientação vocacional?

R: Deixa-se aberta a possibilidade de preparar irmãs para estas diversas iniciativas, porém cuidando para que não se limite a preparar uma profissional, mas que toda a comunidade esteja comprometida. Que a irmã possa exercer este serviço sem prejuízo para sua fraternidade, nem para si mesma.

5. Preparar irmãs para que formando equipes federais e interfederais dediquem-se à promoção, seleção e orientação vocacional, não só para seu próprio mosteiro, mas também para os demais, com a possibilidade de organizar e realizar retiros e convivências vocacionais?

R: Não houve tempo para pronunciar-se devidamente sobre esta pergunta.

6. Mais conhecimento e intercâmbio entre os mosteiros, exercícios espirituais, dias de descanso, celebrações festivas...?

R: Não houve tempo para pronunciar-se devidamente sobre esta pergunta.

SÉTIMO TEMA

“O papel do assistente religioso”

OITAVO TEMA

“Programa de formação (inicial e permanente) nas Federações”

Após esta conferência houve um diálogo com todos os participantes. Destacamos aqui as sugestões dadas:

- Devido a uma melhor formação das noviças ou junioristas que fazem os cursos, constatou-se que todas as irmãs se adaptam bem ao retornar a seus mosteiros e podem avaliar melhor muitos matizes de suas comunidades, tendo uma visão mais ampla de sua forma de vida.
- A mesma formação da formanda ajuda a uma formação melhor de sua comunidade.

- Em outros países também existem planos de formação inicial e permanente, por exemplo na Espanha, na Itália...
- Segundo as orientações do Ministro Geral, toda irmã capuchinha deve ter formação teológica, bíblica, litúrgica..., pois isto propicia o crescimento na sua vocação.
- Certamente a formação é muito positiva mas se nota a dificuldade de encontrar professores especializados e daí a urgente necessidade de se ter irmãs bem preparadas que assumem não só a formação nos noviciados e junioratos, mas que sejam capazes de lecionar teologia, bíblia, espiritualidade, etc.

NONO TEMA

“A clausura ”

Foi um tema sobre o qual os grupos refletiram amplamente. Contrastaram-se diversas opiniões que confluíram na necessidade de precisar mais a fundo este valor da vida contemplativa e, conseqüentemente 1) formar de maneira devida as irmãs e 2) acentuar na prática as possíveis modalidades de acordo com as realidades dos diversos contextos eclesiais

DÉCIMO TEMA

“As Constituições das Monjas Clarissas Capuchinhas: é tempo de renová-las? ”

Na conferência sobre as Constituições foram propostas algumas mudanças no texto das mesmas. Em relação a estas modificações os grupos indicaram o seguinte:

1. Seria oportuno enunciar os três conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade que se professam no nº1.
2. Não se aceitou inverter a ordem dos números 1 e 2, porque primeiro somos chamadas à perfeição dentro da Igreja e no seu seio, a uma vocação peculiar com Clarissas Capuchinhas.
3. Que se especifique neste nº 14 referente à religiosa de votos perpétuos que deseja passar à nossa Ordem, o período de prova. Algumas irmãs propõem que, para a admissão de uma irmã de outro instituto, consulte-se o

parecer do capítulo conventual para dar maior responsabilidade à comunidade, embora o voto deliberativo seja somente da Abadessa e seu Conselho.

4. No nº 20 sejam esclarecidos os conceitos de maturidade humana e espiritual da formanda, de maneira que seja verificável. O mesmo se diga do nº 23 das constituições.

Ao fazer uma renovação das Constituições devemos tender para o nosso carisma original

Outras sugestões surgidas dos siólogos

Foram muitas as indicações que o Ministro Geral, fr. John Corriveau fez durante os diálogos e todas encaminhadas para um maior sentido de comunhão com toda a Ordem.

Mesmo assim, depois de algumas conferências não houve trabalho de grupos mas um diálogo aberto. Como fruto destes encontros anotamos algumas sugestões:

- A falta de vocações em alguns países não é sinal de crise na Ordem.
- Deve-se, sobretudo, desejar ter o espírito do Senhor e a sua santa operação para caminhar juntos para uma teologia de comunhão e para a minoridade.
- Temos necessidade de criar relações de união no plano doméstico em nível universal, criando temas de formação que nos ajudem a unificar os critérios.
- Publicar um boletim como BICI, porém com abordagens de todas as comunidades das Clarissas Capuchinhas através da Primeira Ordem.
- Através da Primeira Ordem canalizar o fundo “Santa Verônica” para a ajuda econômica dos mosteiros que necessitem, solicitando-lhes através das Presidentes Federais. Convida-se aos mosteiros que têm mais recursos para contribuírem com este fundo solidário.
- Com respeito ao papel da Abadessa, também se considerou que ela tem que ser firme com as irmãs contumazes e não pode permitir que a atitude delas condicione toda a fraternidade.

PROPOSIÇÕES GERAIS:

Todas estas proposições foram aprovadas ou por unanimidade, ou pela grande maioria. O número de religiosas com direito de votar era 31. Todas estavam presentes no momento de votar as presentes proposições.

1. Convida-se a criar Federações onde não existem.

Aprovada pela grande maioria.

2. Convida-se a criar Federações nos lugares já federados e que nos estatutos se defina claramente o papel que deve desenvolver a Presidente da Confederação, também na prática.

Aprovada pela grande maioria.

3. Antes da reunião internacional sobre comunhão e solidariedade na Ordem (cf. sexto tema, r.1), propõe-se a realização de uma assembléia em cada continente para criar comunhão e solidariedade na Ordem e nela decidir as representantes, tanto do ponto de vista numérico quanto cultural, para a reunião internacional.

Aprovada pela grande maioria.

4. Releitura das Constituições à luz da teologia da comunhão, sem esquecer a dimensão missionária das Capuchinhas e que apareça o aspecto ecológico de justiça e paz, além do ecumênico.

Aprovada por unanimidade.

5. Criar uma Comissão Internacional para a revisão das Constituições formada por uma irmã de cada continente. Cada Federação deve eleger uma representante para a Comissão Internacional e, nos lugares onde não existem Federações, eleger-se-á uma representante por país. A Assistente Geral elegerá 5 irmãs entre todas as propostas.

Aprovada por unanimidade.

6. Elaborar, da Cúria Geral, um Boletim BICI com informações sobre as irmãs para criar laços de comunhão. Mentalizar-nos a enviar notícias de cada mosteiro, de modo que o Boletim possa ser publicada cada três ou quatro meses e enviado a cada comunidade pelo correio ordinário.

Aprovada por unanimidade.

7. Apoiamos a proposta de um fundo econômico internacional “Santa Verônica”. As Federações estabelecerão o valor da quota anual. Os mosteiros não federados enviarão anualmente ao fundo internacional 0,50% de suas entradas anuais. Se alguma Federação ou mosteiro desejar colaborar com mais, será bem aceito. A Assistente Geral se encarrega de enviar uma carta a cada comunidade informando sobre este fundo econômico internacional e expondo os motivos da participação.

Aprovada por unanimidade.

8. Retomar o tema da clausura. É urgente ter conceitos claros e práticos de tal modo que ela possa ser vivida motivada pela espiritualidade. Formar uma Comissão de peritos para examinar os conceitos jurídicos e práticos sobre a clausura. Esta Comissão será nomeada pela Assistente Geral e estará em contato com a Comissão Internacional encarregada da releitura das Constituições.

Aprovada pela grande maioria.

9. Que nas Federações a formação seja motivada partindo da espiritualidade de comunhão. Aconselha-se rever em comunidade os textos dos Conselhos Plenários e as cartas do Ministro Geral, as instruções “*Vida fraterna em comunidade*” e “*Caminhar a partir de Cristo*” e que se elaborem planos de formação inicial e permanente nos países que ainda não os têm “*Ratio Formationis*”

Aprovada por unanimidade.

10. Formar os mosteiros na sã autonomia segundo a espiritualidade da comunhão.

Aprovada por unanimidade.

11. Que o Ministro Geral fomente a comunhão entre as duas Ordens, ajudando as irmãs na realização destes projetos e colocando à disposição frades para a assistência espiritual dos mosteiros.

Aprovada por unanimidade.



BICI • editore: Ufficio generale della comunicazione OFMCap • responsabile: Massimo Rosina
• collaboratori: Tutti i segretari della Curia OFMCap • edizioni: Italiano, francese, inglese, polacco,
spagnolo, tedesco, indonesiano, portoghese • impaginazione: Laura Stazi • grafica: UNIDEA Marketing
& Comunicazione

Periodico Mensile P.I. SPA - Abb. Post. DL 353/03 (Conv.in L.27.02.04 n. 46) Art. 1C.2 DCB - Roma, Taxe perçue - Tassa
riscossa-Roma Italia Autorizz.Trib. di Roma n.690 del 23.11.1990 Iscr. Reg. Naz. Stampa n. 4121 del 23.3.1993
Stampato in proprio

Curia Generale OFMCap
Via Piemonte, 70
00187 Roma · Italia
Tel. 0039.06.4620121
Fax 0039.06.4828267
E-mail: bici@ofmcap.org